



Adolescência e corpo: um recorte psicanalítico¹

Marina Harduim Sant'Anna Campos

Orcid: [0009-0002-7966-3984](https://orcid.org/0009-0002-7966-3984)

Bacharel em Psicologia no Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense / UFF (Rio de Janeiro, Brasil)

Email: marinaharduim@id.uff.br

Renata Alves de Paula Monteiro

Orcid: [0000-0003-4064-5295](https://orcid.org/0000-0003-4064-5295)

Doutorado em Psicologia no Instituto de Psicologia da UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Professora adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (Rio de Janeiro, Brasil)
Psicanalista membro do Espaço-Oficina de Psicanálise (Rio de Janeiro, Brasil)

Email: renata_monteiro@id.uff.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir acerca da relação entre adolescência e corpo nos dias atuais, a partir do ponto de vista da teoria psicanalítica. Para isso abordamos a concepção de corpo na psicanálise a partir das obras de Freud e outros autores contemporâneos, percorrendo os conceitos de histeria, pulsão, Eu, e estágio do espelho. Neste sentido é feito um recorte em torno da função da imagem de si na formação do Eu no estágio do espelho para entendermos os impactos da desestabilização dessa imagem com as transformações corporais da adolescência. Consideramos, então, a adolescência uma reedição do estágio do espelho onde o sujeito, que não se enxerga mais como criança mas ainda não reconhece sua imagem adulta, tem a unidade do Eu desestabilizada, precisando reinventar uma posição para si frente ao Outro. Por fim questionamos quais os possíveis impactos trazidos pela crescente virtualização da própria imagem em telas para estes sujeitos.

Palavras-chave: Adolescência; Corpo; Psicanálise; Estádio do espelho.

L'adolescence et le corps: un portrait psychanalytique: Cet article propose une réflexion sur la relation entre l'adolescence et le corps de nos jours, du point de vue de la théorie psychanalytique. Pour ce faire, nous analysons la conception du corps dans la psychanalyse à partir des œuvres de Freud et d'autres auteurs contemporains, en parcourant les concepts d'hystérie, de pulsion, de Moi et de stade du miroir. Dans ce sens, nous partons de la fonction de l'image de soi dans la formation du Je au stade du miroir pour comprendre les impacts de la déstabilisation de cette image avec les transformations corporelles de l'adolescence. Nous considérons alors l'adolescence comme une réédition du stade du miroir où le sujet, qui ne se voit plus comme un enfant mais ne reconnaît pas encore son image adulte, à l'unité du Moi déstabilisée, ayant besoin d'inventer une nouvelle position pour lui-même face à l'Autre. Enfin, nous nous demandons quels sont les impacts possibles apportés par la virtualisation croissante de l'image pour ces sujets.

Mots clés: Adolescence; Corps; Psychanalyse; Stade du miroir.

A psychoanalytic portrait of adolescence and its body: This article seeks to reflect on the relationship between adolescence and body at present, from the point of view of psychoanalytic theory. In order to do this, we analyze the conception of the body in psychoanalysis starting from the works of Freud and other contemporary authors, through the concepts of hysteria, drive, self, and stage of the mirror. In this purpose, we highlight the function of the self-image in the formation of the Self in the mirror stage to understand the impacts of the destabilization of this image with the physical transformations of adolescence. We consider, then, adolescence a re-edition of the stage of the mirror where the subject, who no longer sees himself as a child but does not yet recognize his adult image, has the unity of the Self destabilized, having to reinvent a position for himself in front of the Other. Finally, we questioned the possible impacts brought by the increasing virtualization of the image on screens for these subjects.

Keywords: Adolescence; Body; Psychoanalysis; Stage of mirror.

Adolescência e corpo: um recorte psicanalítico
Marina Harduim Sant'Anna Campos & Renata Alves de Paula Monteiro

Introdução

Nos anos de 2020 a 2022, em meio à pandemia de covid-19, vivenciamos no mundo todo uma abrupta virtualização das relações humanas através de plataformas digitais que, durante um bom tempo, se tornaram a única forma de contato possível, em função da ameaça de contágio do vírus. Mediados pela tecnologia e apartados fisicamente uns dos outros, experienciamos a redução de nossa experiência de contato com o outro a uma imagem capturada em uma tela, tela que nos enviava constantemente uma imagem invertida de nós mesmos. Não espanta que tenha sido neste período que foi possível observar um aumento da procura de procedimentos estéticos em consultórios de dermatologia na busca de uma solução frente ao incômodo causado pela constante exposição a uma auto-imagem, de reparo de imperfeições nunca antes notadas, ou mesmo de aperfeiçoamentos no real do corpo reproduzindo imagens ofertadas por filtros virtuais. Dentre os mais afetados por esta exposição podemos destacar os sujeitos incluídos no grupo etário e social que reconhecemos como adolescência. Seja pela frequência à escola reduzida às telas, seja pela já utilização de redes sociais como forma de vínculo social, pensamos que este momento de vida favorece uma maior vulnerabilidade ao imperativo da imagem e suas exigências de perfeição e satisfação.

Este trabalho parte da hipótese de que uma vez que encaremos a adolescência como um momento constitutivo do sujeito que afeta notadamente sua relação com o corpo, em uma exigência de trabalho psíquico de uma nova construção imaginária, agora diante do sexual, buscamos discutir, a partir da psicanálise, as contribuições para se pensar a articulação adolescência e corpo.

A princípio é importante analisar o que caracteriza um adolescente do ponto de vista de seu desenvolvimento psíquico. Para isso recorreremos a Freud que se deteve longamente no estudo da vida sexual infantil e seus desenlaces no que ele chama de "romance familiar". É a partir do entendimento dessa sexualidade infantil e de seus desdobramentos que poderemos vislumbrar onde se situa o adolescente para a psicanálise.

Exploramos, então, o conceito de corpo para a psicanálise articulando à temporalidade psíquica da adolescência. Qual seriam, então, os impactos das mudanças corporais nesta etapa da vida definida como adolescência, e que novas relações o sujeito adolescente estabelece com seu corpo? Primeiramente o que salta à vista são as transformações ocorridas na puberdade, que acarretam em reconfigurações do aparelho psíquico. Essas transformações fisiológicas trazidas pela puberdade não são por si só o que define a adolescência, mas é a partir delas que se inaugura uma nova sexualidade para o sujeito, e, portanto, uma nova forma de se relacionar com o outro. Fica evidente, a partir desta articulação entre modificações fisiológicas e alterações psíquicas, que o corpo ganha grande destaque nesse momento da vida.

A vida sexual infantil

Em seu texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996b) nos apresenta as particularidades da vida sexual infantil. Ele mostra que apesar do sujeito adulto não guardar memórias muito claras deste início da vida sexual, suas impressões continuam deixando marcas e influenciando o desenvolvimento posterior. Isso evidencia que a temporalidade da constituição do sujeito se dá a posteriori, ou seja, só é possível colher depois os efeitos dos fatos vividos. É na adolescência que verificaremos os efeitos daquilo que foi experienciado na infância. Por isso a importância de começar retomando esses conceitos.

Ao nascer o ser humano é completamente desprovido dos meios para garantir a própria sobrevivência, ele depende inteiramente dos cuidados parentais para atender suas necessidades. É em resposta a essa experiência de desamparo originário que o aparelho psíquico se desenvolve. Ainda em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996b) aponta que diferentemente dos animais, o ser humano não possui instinto, entendendo instinto como a ligação inequívoca e pré-determinada, trazida pela espécie, de qual é o seu objeto sexual. Para os seres humanos o objeto sexual pode variar, por isso Freud denomina este componente psíquico de pulsão.

Neste mesmo texto Freud define pulsão da seguinte maneira:

Por "pulsão" podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do "estímulo", que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. (...) A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico. (Freud, 1905/1996b, p. 159).

Nesse primeiro momento do desenvolvimento infantil essa pulsão ainda não se encontra unificada, por isso falamos em pulsões parciais onde cada uma diria respeito a uma zona erógena separadamente. Freud (1905/1996b) define zona erógena como uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação de prazer. É através da estimulação dessas diferentes zonas que o bebê tem suas primeiras vivências de satisfação, sendo uma experiência onde a satisfação do corpo basta, e por isso chamadas de autoeróticas.

Ainda em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996b) afirma que é possível elencar três principais características da manifestação sexual infantil. Em primeiro lugar ela nasce se apoiando em uma função somática como o prazer obtido a partir da necessidade de alimentação ou do controle das fezes. Segundo, ela ainda não conhece nenhum objeto sexual. Entendemos aqui objeto sexual como aquilo ou aquele que provoca atração no sujeito (Freud, 1905/1996b). E, por último, seu alvo sexual encontra-se sob o domínio de uma zona erógena.

É possível destacar três zonas erógenas de maior importância em torno das quais se organizam diferentes fases do desenvolvimento infantil. Entretanto, é importante entender que uma fase não

supera a outra e que todas elas perduram e se sobrepõem, afetando todo o percurso de vida do sujeito.

Num primeiro momento existe uma preponderância da zona oral, muito ligada à necessidade da nutrição mas que não se restringe a ela. O bebê suga não apenas o seio materno em busca de leite mas se satisfaz também ao sugar uma chupeta, seu dedo. Ao examinar esse ato, que chamamos de chuchar, percebe-se o caráter autoerótico dessa prática, dado que a pulsão não está dirigida para outra pessoa.

Posteriormente destaca-se a zona anal. A partir deste momento a criança começa a conquistar algum domínio sobre o próprio corpo ao conseguir controlar o momento de liberar as fezes. É também uma forma de controlar o próprio prazer, adiando para quando lhe aprouver, e não quando lhe for demandado (Freud, 1905/1996b). Para o lactante as fezes são tidas como partes de seu próprio corpo e são seu primeiro "presente" a ser ofertado ao se desprender dele. Aqui se inaugura uma divisão entre pares de opostos, entendida nesse momento como ativo e passivo. A pulsão deixa de ser autoerótica para contar com a participação de outro além, da criança.

Segue-se então uma fase genital infantil (Freud, 1923/2011). Nela, apesar das pulsões parciais infantis não se unirem sob o primado dos genitais, o papel destes e o interesse infantil por eles é de extrema importância.

A principal característica dessa fase "genital infantil" é que para as crianças de ambos os sexos apenas um genital entra em consideração - o masculino. A isso Freud chama de "primazia do falo". (Freud, 1923/2011, p. 152).

Apesar das crianças perceberem que existe uma diferença entre os sexos elas não relacionam isso com os órgãos genitais. Para elas todos os seres vivos (e até os inanimados) possuem um pênis.

O complexo de castração

O pênis é fonte de pesquisa e curiosidade para o menino, da mesma forma ele gostaria de ver os genitais alheios para investigação. Em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica dos sexos* Freud (1925/2011) aponta para um primeiro momento de ativação do complexo de castração onde as atividades masturbatórias da criança são suprimidas pelos adultos que a educam. Nesse momento, entretanto, o menino ainda vê com ceticismo tais ameaças a seu pênis. Ao se deparar com a ausência do pênis em outros indivíduos, primeiro o menino nega e crê que ele está ali mas é pequeno e ainda irá crescer. É apenas num momento posterior, quando a ameaça de perda do pênis exerce alguma influência sobre ele que este dará significação à ausência de pênis em algumas pessoas. Diante desta constatação o menino passa a crer na realidade da ameaça até então menosprezada, chegando à conclusão de que este foi retirado. É então que começa a temer sua própria castração.

O complexo de castração no menino, portanto, só faz sentido quando se considera sua origem na fase da primazia do falo. Mas o menino não assume que todas as mulheres não tenham pênis, apenas as que foram castigadas com a castração.

Em *A organização genital infantil* (Freud, 1923/2011), o autor aponta que somente quando começa a se questionar sobre a origem dos bebês é que o menino descobre que apenas as mulheres podem ter filhos e elabora diversas teorias para explicar a troca do pênis por um bebê. Mesmo assim, o genital feminino permanece desconhecido, assumindo que os bebês são engolidos e nascem pelo ânus.

Voltando ao texto *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica dos sexos* (Freud, 1925/2011) vemos que a menina, ao se deparar com o órgão genital do sexo oposto logo percebe a diferença anatômica em relação ao seu órgão, ao contrário do menino que a princípio se mostra pouco interessado. Ela num instante faz seu julgamento e toma uma decisão. “Ela viu, sabe que não tem e quer ter.” (Freud, 1925/2011, p. 262). A isso Freud denomina de inveja do pênis. Em um primeiro momento, entretanto, ela julga que a ausência do pênis é uma característica pessoal decorrente de uma punição e que outras mulheres ainda conservariam o seu. Só mais tarde ela se daria conta da generalidade dessa realidade.

Dois pontos precisam ser destacados sobre o complexo de castração e a fase da primazia do falo. O primeiro é que nesta fase do desenvolvimento o par de opostos percebido pela criança se coloca em termos de masculino e castrado. O segundo, que terá importantes desdobramentos, é o efeito da diferença anatômica entre os sexos na maneira como meninos e meninas irão encarar o complexo de castração. Nos meninos existe um medo da perda do pênis e um esforço para conservá-lo; na menina, a castração é um fato consumado, ela já perdeu o pênis.

As transformações da adolescência

Em seu texto *As transformações da puberdade*, Freud (1905/1996b) destaca as mudanças que ocorrem na passagem da infância para a puberdade de um ponto de vista biológico e suas consequências para o psiquismo do indivíduo.

De início, o autor aponta que com a puberdade diversas mudanças se operam na vida sexual infantil. Se antes ela era composta de pulsões parciais autoeróticas, agora ela encontra um objeto e as pulsões parciais cooperam numa nova meta sexual. As zonas erógenas agora se encontram subordinadas ao primado da zona genital. Aqui o desenvolvimento sexual de homens e mulheres começa a divergir bastante. Ao longo da infância a atividade autoerótica das zonas erógenas é a mesma nos dois sexos. Nesse ponto, Freud faz uma importante distinção sobre seu entendimento dos conceitos de masculino e feminino no campo da psicanálise. Para o autor, seu significado mais relevante está no sentido de atividade e passividade, destacando que, no caso do ser humano, não se acha uma pura masculinidade ou feminilidade.

Ainda em *As transformações da puberdade*, Freud (1905/1996b) indica que, alavancados pelo desenvolvimento dos órgãos sexuais, as zonas erógenas que antes encerravam o prazer em si agora cooperam e se encontram subordinadas à zona genital. O prazer então obtido pela estimulação das demais zonas erógenas passa a ser denominado de “prazer preliminar” e é semelhante àquele

experimentado na vida sexual infantil. A puberdade inaugura a possibilidade da descarga da tensão sexual através do orgasmo, entendido então como “prazer final” e que passa a ser a nova meta sexual. Já em seu texto *O romance familiar do neurótico*, Freud (1906/2015) traz outro aspecto relevante das alterações que ocorrem na vida psíquica do indivíduo ao sair da infância. Na primeira infância os pais aparecem de forma idealizada, eles constituem a “única autoridade e a fonte de toda crença”. O desejo mais intenso experimentado nesse período da vida é o de ser como o pai ou a mãe. Aos poucos ela vai se libertando da autoridade deles, ao se confrontar com outros adultos que lhe parecem mais aptos. Nesse sentido contribui também a rivalidade instalada a partir do complexo de Édipo.

O indivíduo então elabora fantasias onde substitui os pais por outras pessoas que lhe pareçam mais dignas e adequadas. Porém, ao examinar mais detidamente tais devaneios, Freud percebe que frequentemente essas figuras nobres que substituem os pais são dotadas de traços que vêm das lembranças de seus genitores.

Todo empenho em substituir o pai verdadeiro por um mais nobre é apenas expressão da nostalgia da criança pelo tempo feliz perdido, em que o pai lhe parecia o homem mais forte e nobre, e a mãe, a mulher mais bela e adorável (Freud, 1906/2015, p. 275).

Dessa forma, o indivíduo pode empreender o que Freud chama de “uma das realizações mais necessárias e dolorosas do indivíduo em crescimento” (1905/1996b, p. 194), que é se desprender da autoridade dos pais.

O corpo

Em um primeiro momento, salta à vista as transformações ocorridas na puberdade. Essas transformações fisiológicas trazidas pela puberdade não são por si só o que define a adolescência, mas é a partir delas que se inaugura uma nova sexualidade para o sujeito, e, portanto, uma nova forma de se relacionar com o outro. Fica evidente, a partir desta articulação entre modificações fisiológicas e alterações psíquicas, que o corpo ganha grande destaque nesse momento da vida.

Cabe, então, delimitar qual o conceito de corpo adotado pela psicanálise. Para isso devemos iniciar lembrando o início das pesquisas de Freud com as pacientes histéricas, antes mesmo da fundação da psicanálise. É importante lembrar que essas pacientes que recebiam a denominação de histéricas eram pessoas, em sua maioria mulheres, que apresentam sintomas corporais que não encontravam causas orgânicas que as justificassem. Freud (1893/1996a) elenca entre esses sintomas paralisia de membros, cegueiras, ataques epiléticos, vômitos, anorexia, entre outros.

No início de seu trabalho junto a Breuer, o autor utiliza da técnica da hipnose para reproduzir lembranças que poderiam dizer sobre a origem dos sintomas histéricos nos pacientes. Foi percebido que o sintoma de suas pacientes estava sempre imbuído de um afeto, o que as aproximava do conceito de neuroses traumáticas. Freud explica que nas neuroses traumáticas o que causa a doença não é o

dano físico insignificante, mas o afeto do susto a ele relacionado, a que ele chama de trauma psíquico. O mesmo ocorre no caso dos sintomas histéricos, que teriam como causa desencadeadora um trauma psíquico.

O que se percebia, entretanto, era que os pacientes não eram capazes de evocar a lembrança do trauma desencadeador do sintoma. Era apenas sob hipnose que os pacientes eram capazes de se recordar e relatar o evento desencadeador do trauma. Sob hipnose era possível para o doente trazer à tona as lembranças do momento em que o afeto aflitivo emergiu e, principalmente, provocar a expressão verbal delas.

A este tratamento Freud dava o nome de ab-reação. O que chama a atenção nesses casos é esta divisão entre lembranças habituais e lembranças que só conseguem chegar à consciência a partir da hipnose. A estas últimas ele denomina de "estados hipnóides" (Freud, 1893/1996a, p. 124) que seriam estados de consciência peculiares, semelhantes ao sono, cuja capacidade de associação é restrita, o que impossibilita o acesso consciente à lembrança, sem a ferramenta da hipnose. É a partir desta divisão que Freud vai começar a vislumbrar o conceito de inconsciente.

Voltando ao tema do corpo na histeria, Lindenmeyer (2012) aponta que o que se destaca na experiência da histeria é a referência plástica do corpo, ou seja, sua capacidade de se modelar ao psíquico até chegar a dar forma ao sintoma histérico. A este processo de transformação Freud dará o nome de conversão. Assim, o modelo da conversão é o de dar forma ao interior, que é sempre ligado a processos inconscientes.

A autora salienta que na conversão se fazem presentes duas dimensões: a econômica e a simbólica. A dimensão econômica diz respeito ao modo como os afetos represados podem encontrar descarga. Já a dimensão simbólica diz do fato que existem sempre relações entre a escolha do lugar de expressão do sintoma no corpo e as lembranças recalçadas. Sobre isso Freud afirma:

Em outros casos a conexão causal não é tão simples. Consiste apenas no que se poderia denominar uma relação "simbólica" entre a causa precipitante e o fenômeno patológico - uma relação do tipo que as pessoas saudáveis formam nos sonhos (Freud, 1893/1996a, p. 41).

Com isso, percebe-se que a concepção de corpo aqui ultrapassa aquela da pura anatomia. Lindenmeyer (2012) traz a proposta de uma "anatomia fantasmática" que não pode ser reduzida à definição médica objetiva. Este "corpo fantasmático" é o que ganha um estatuto que rompe com aquilo que é puramente biológico e passa a ser pensado como lugar dos registros pulsionais e fantasmáticos, e que encontra significado pelo processo do tratamento pela linguagem.

Retomando Freud em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* a autora lembra que este conteúdo recalçado são desejos infantis construídos e animados por experiências sexuais que encontram na conversão sobre o corpo um lugar de expressão. Os sintomas somáticos então teriam uma dupla função: esconder e denunciar o conflito psíquico causado pelas experiências infantis que

não podem ser concretizadas na realidade.

Mas de que maneira se dá essa conexão entre desejo proibido e descarga num sintoma corporal? A autora aponta que a esta questão Freud responde com a noção de "ir ao encontro de". Neste caso é o somático que vai ao encontro dos desejos inconscientes. "Quando existe uma excitação somática, seja ela "normal" ou "patológica", apresenta-se a ocasião para que venham associarem-se a ela processos conflitantes inconscientes insuspeitos até então." (Lindenmeyer, 2012, p. 353). Esse movimento "ir ao encontro de" Freud (1893/1996a, p. 143) chama de "complacência somática".

Lindenmeyer (2012) ressalta que a noção de complacência somática dá conta da ideia de que todo o corpo, e não somente um órgão, pode ser tomado como meio de expressão dos desejos recalçados.

Por fim, o corpo da histeria, esse corpo erógeno, que vai além do biológico, está às voltas com seus desejos inconscientes, encontrando meios de expressá-los pela subversão do funcionamento orgânico.

A pulsão

Em seu texto *Os instintos² e seus destinos*, Freud (1915/2010) começa sua abordagem a partir da fisiologia. O autor usa o conceito de arco reflexo, onde "um estímulo que vem de fora para o tecido vivo (a substância nervosa) é descarregado para fora por meio da ação" (1915/2010, p. 39) Freud então afirma que a pulsão seria como um estímulo para a psique. Entretanto é preciso distinguir pulsão de estímulo interno. O autor aponta, então, que o estímulo provém do mundo exterior, que age como impacto único e que pode ser liquidado com uma única ação apropriada. Já a pulsão tem sua origem no interior do próprio organismo, que atua como uma força constante. Por ter origem no interior do organismo, não é possível escapar da fonte estimuladora de forma tão direta como seria no caso do ato motor de afastar a mão de um objeto quente, por exemplo. A pulsão, como definiu Freud, é "uma força constante, que se caracteriza como uma necessidade do aparelho psíquico" (Freud, 1915/2010, p. 40). A anulação do estímulo ocorre apenas com a satisfação da fonte interna que o gerou. Diferente, então, do que ocorre com o estímulo externo que pode ser extinguido a partir de uma ação motora, a satisfação da fonte que gerou a pulsão é muito mais complexa. Freud afirma que para alcançar esta satisfação são colocadas exigências bem elevadas ao aparelho nervoso, levando-o a atividades complexas que modificam o mundo exterior e o obrigam a abdicar de sua intenção inicial de se manter distante dos estímulos.

Freud então indica como se origina a distinção entre dentro e fora do organismo de um ser a partir da diferença entre conseguir ou não se afastar de determinados estímulos.

Coloquemo-nos no lugar de um ser quase totalmente desamparado, ainda desorientado no mundo, que acolhe estímulos no seu tecido nervoso. Esse ser vivo logo será capaz de fazer a primeira diferenciação e adquirir a primeira orientação. Por um lado ele sentirá estímulos a que pode se subtrair mediante uma ação muscular (fuga), estímulos esses que atribui a um mundo externo; mas também,

por outro lado, estímulos contra os quais é inútil tal ação, que apesar disso mantêm o seu caráter de constante premência; esses estímulos são o sinal característico de um mundo interior, a evidência de necessidades instintuais (pulsionais). A substância percipiente desse ser terá adquirido, na eficácia de sua atividade muscular, um ponto de apoio para distinguir um "fora" de um "dentro" (Freud, 1915/2010, p. 40).

Desta maneira vemos como o conceito de pulsão nos ajuda a compreender o estatuto do corpo na obra de Freud. Ainda no mesmo texto, Freud afirma:

Voltando-nos agora para a consideração da vida psíquica do ângulo da biologia, o "instinto" nos aparece como um conceito-limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo (Freud, 1915/2010, p. 42).

Ainda sobre o conceito de pulsão vale ainda ressaltar quatro termos destacados por Freud. São eles: impulso (ou pressão), meta, objeto e fonte.

O impulso de uma pulsão abarca o seu elemento motor, a força ou a medida de trabalho que ela representa. Freud diz que "o caráter impulsivo é uma característica geral dos instintos, é mesmo a essência deles." (Freud, 1915/2010, p. 42).

A meta de uma pulsão é sempre a satisfação que, segundo Freud, só pode ser alcançada pela extinção do estímulo na fonte da pulsão. Apesar dessa meta ser imutável para todas as pulsões, as maneiras para alcançá-la são diversas.

Já o objeto da pulsão é aquilo com o qual esta pode alcançar a sua meta. Este é o elemento que mais varia na pulsão pois não existe entre eles uma ligação original. Em *Três ensaio sobre a teoria da sexualidade* Freud (1905/1996b) deixa claro que não há um vínculo inato entre pulsão e um objeto pré determinado, mas que existe entre eles uma solda. O autor afirma ainda que o objeto pode mudar frequentemente ao longo da vida e que esse deslocamento representa um papel muito relevante.

E, por último, por fonte se compreende o processo somático num órgão ou parte do corpo cujo estímulo é representado na psique.

Neste ponto de sua obra, Freud dividia a pulsão em dois grupos primordiais: as pulsões do Eu ou de autoconservação, e as pulsões sexuais. Entretanto, ele ressalta o fato dessa divisão não ser definitiva e que deve ser utilizada apenas enquanto for útil, mas que sua possível substituição não alteraria de forma dramática os resultados propostos.

As pulsões sexuais, que são as mais conhecidas e estudadas, são definidas pelo autor, ainda em *Os instintos e seus destinos* (1915/2010), como numerosas e originadas em diferentes fontes orgânicas. A princípio elas atuam de forma independente umas das outras e só posteriormente são reunidas numa síntese. A meta que cada uma delas busca atingir é o prazer do órgão (pulsões parciais). É apenas após a puberdade que estas se unem, cooperando a serviço da função reprodutiva. É então

que são reconhecidas como pulsões sexuais.

Ainda em *Os instintos e seus destinos*, Freud (1915/2010) então enumera quatro destinos diferentes que as pulsões sexuais podem tomar, para além da satisfação. São elas a reversão no contrário, a repressão, a sublimação e o voltar-se contra a pessoa. Para os objetivos deste trabalho iremos nos debruçar sobre esta última possibilidade.

Sobre isso Freud inicia:

A volta contra a própria pessoa nos é sugerida pela consideração de que o masoquismo, afinal, é um sadismo voltado contra o próprio Eu, e o exibicionismo inclui a contemplação do próprio corpo. A observação psicanalítica não deixa dúvidas quanto ao fato de que o masoquista também frui da fúria contra a sua pessoa, e o exibicionista, do seu desnudamento. O essencial no processo, portanto, é a mudança de objeto com a meta inalterada. (Freud, 1915/2012, p. 47).

Ao analisar o exibicionismo, ou seja, a pulsão que tem por meta ser olhado Freud constitui as etapas que levariam a transformação da meta ativa "olhar" na meta passiva "ser olhado". Num primeiro momento o olhar acontece de forma ativa e dirigida a um objeto. Num segundo momento há o abandono do objeto e a volta da pulsão para uma parte do próprio corpo. Com isso acontece uma reversão em passividade e se constitui uma nova meta, a de ser olhado. Por último, como resultado destas operações é que se constitui um sujeito, que então passa a ter como meta se fazer olhado pelo outro.

Freud percorre este mesmo caminho com o par sadismo/masoquismo. Entretanto, ele destaca uma particularidade no caso do exibicionismo, pois este possuiria um estágio anterior ainda ao da fase ativa. Nesta fase preliminar o objeto do olhar é uma parte do próprio corpo, pois a pulsão de olhar é autoerótica em seu início.

A partir deste mecanismo de reversão das pulsões sobre o eu, Freud (1914/2010a), em *Introdução ao narcisismo*, evidencia a presença do autoerotismo como fase inicial das pulsões e traz o conceito de narcisismo.

Habituo-nos a chamar de narcisismo, sem pôr inicialmente em discussão o nexo entre autoerotismo e narcisismo, a fase inicial de evolução do Eu, durante a qual os instintos sexuais têm satisfação autoerótica. Então temos que dizer, sobre o estágio preliminar do instinto de olhar, em que o prazer de olhar tem o próprio corpo como objeto, que ele pertence ao narcisismo, é uma formação narcísica. A partir dele se desenvolve o instinto ativo de olhar, à medida que abandona o narcisismo, mas o instinto passivo de olhar se atém ao objeto narcísico. (Freud, 1914/2010a, p. 51).

Freud então define narcisismo como a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma que o corpo de um objeto sexual é tratado. A princípio, ainda em *Introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/2010a), o autor tende a classificar este narcisismo como uma perversão pois

ele consome toda a vida sexual do sujeito. Mais à frente, ele refaz essa ideia, a partir suas experiências clínicas, afirmando que o corpo narcísico faz parte do comportamento de autopreservação do sujeito, sendo ele parte importante do desenvolvimento psíquico de todo ser humano.

J-D. Nasio, em *Meu corpo e suas imagens* (2009), afirma que a princípio no sujeito as pulsões estão desconectadas entre si buscando suas satisfações próprias, essa fase chama-se autoerotismo. Logo em seguida, elas juntas investem o próprio corpo, que constitui o primeiro objeto de amor, estabelecendo o narcisismo. E, por fim, todas reunidas, voltam-se para o exterior e conquistam um novo objeto de amor: a pessoa do outro. O narcisismo é, então, este investimento libidinal no próprio corpo. Em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010a) se esclarece uma importante relação entre o autoerotismo e o narcisismo: a unidade do Eu não existe previamente nos sujeitos, o que existe é um corpo fragmentado pela pulsão, em zonas erógenas, as quais caracterizam o indivíduo autoerótico. Com isso vemos a centralidade do narcisismo na formação do corpo do sujeito.

Em *O Eu e o Id*, Freud (1923/2011) faz uma distinção entre narcisismo primário e secundário. O primário é este ao qual nos referimos anteriormente, ligado às pulsões autoeróticas. Para entendermos o narcisismo secundário será necessário primeiro visitarmos os conceitos de Eu e Id.

Freud nos apresenta em seu texto *A dissecação da personalidade psíquica* (1933/2010b) o que chamamos de segunda tópica, onde ele estabelece uma nova organização para o aparelho psíquico. Anteriormente este aparelho se subdividida em consciente, pré-consciente e inconsciente. Entretanto, ao analisar casos de paranóia, Freud concebe uma instância psíquica que faz parte do Eu mas o vigia, pune e constrange a qual ele chama de super-Eu. O super-Eu, por sua vez, atua de forma consciente no Eu mas se comunica com partes inconscientes do psiquismo. Dessa maneira a determinação "inconsciente" passa a descrever um modo de funcionamento do psiquismo e não uma subdivisão deste.

Para se referir a esta instância totalmente inconsciente do aparelho psíquico Freud usa o termo Id. Este é "a parte obscura e inacessível de nossa personalidade" (Freud, 1933/2010b, p. 215) e o que se sabe dele é através do estudo dos sonhos e dos sintomas neuróticos. O autor representa o Id como sendo aberto em direção ao somático. É o Id que acolhe as necessidades das pulsões e a partir destas se enche de energia (libido), mas não possui organização, ele transmite apenas a necessidade de satisfazer as pulsões.

Já o Eu, Freud define como "aquela parte do Id que foi modificada pela vizinhança e a influência do mundo externo, organizada para o acolhimento dos estímulos e a proteção diante deles, (..)" (Freud, 1933/2010b, p. 217). O Eu, portanto, surge a partir da interação do Id com os estímulos externos para mediar essa relação que de outra maneira levaria à destruição, em sua busca cega pela satisfação pulsional. Ao Eu cabe registrar o mundo externo, além de dominar a motilidade impondo uma distância entre necessidade e ato.

Por outro lado, Freud afirma que o Eu é fraco dinamicamente pois toma suas energias emprestadas do Id. Um dos mecanismos utilizados para isso é a identificação. As exigências pulsionais

do Id geram investimentos objetais. O Eu, como instância intermediária entre a exigência e o ato registra esta exigência, mas, ao identificar-se com o objeto ele se sugere ao Id no lugar do objeto, procurando assim guiar para si a libido.

Podemos agora retornar à nossa discussão sobre o narcisismo. Em *O Eu e o Id* Freud afirma:

Bem no início, toda a libido se acha acumulada no Id, enquanto o Eu ainda está em formação ou é fraco. O Id envia parte dessa libido para investimentos objetais eróticos, e com isso o Eu fortalecido procura apoderar-se dessa libido objetal e impor-se ao Id como objeto de amor. O narcisismo do Eu é então um narcisismo secundário, subtraído dos objetos. (Freud, 1923/2011, p. 43).

Freud aqui destaca que em sua maior parte o Eu se constitui de identificações que tomam lugar de investimentos abandonados pelo Id e a esse processo chamamos narcisismo secundário.

Mas o que ocorre nesse período entre narcisismo primário e secundário? Em *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914/2010a) destaca que o sujeito não tem meios de sustentar a perfeição narcísica infantil ao ser confrontado com a realidade e com as repreensões durante seu desenvolvimento. Desse modo surge um ideal do Eu, que sendo ideal conserva sua perfeição infantil, pelo qual mede o seu Eu atual. O amor a si mesmo que o Eu real desfrutou na infância passa a dirigir-se a esse ideal do Eu. Esse novo ideal que ele projeta diante de si é o substituto do narcisismo perdido na infância.

Sobre este tema Freud acrescenta:

O desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo. Tal distanciamento ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora, e a satisfação, através do cumprimento desse ideal. (Freud, 1914/2010a, p. 33).

Em *O Eu e o Id*, Freud (1923/2011) explica que o ideal do Eu forma-se a partir da influência crítica dos pais, dos educadores, dos instrutores, da opinião pública. Mais especificamente, em *O Eu e o Id*, Freud (1923/2011) afirma que a origem do ideal do Eu se encontra na primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com os pais da sua "pré-história pessoal". Para isso ele retorna ao complexo de Édipo evidenciando que bem cedo o menino desenvolve um investimento objetal na mãe, enquanto se apodera do pai por identificação. Com a entrada no complexo de Édipo se instala uma hostilidade com relação ao pai e o desejo de substituí-lo junto à mãe, criando uma relação ambivalente com o pai. Com a dissolução do complexo o investimento objetal na mãe precisa ser abandonado e em seu lugar pode surgir uma identificação com a mãe ou um fortalecimento da identificação com o pai. Freud salienta que, em geral, ambas as identificações coexistem nos indivíduos e que essa alteração no Eu "conserva a sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restante do Eu como ideal

do Eu ou Super-Eu.” (Freud, 1923/2011, p. 31).

Portanto, o ideal do Eu é herdeiro do complexo de Édipo sendo a expressão dos impulsos e dos destinos libidinais mais poderosos. Dessa maneira, enquanto o Eu funciona como um representante do mundo exterior, o Super-Eu se comporta como advogado do Id. Freud (1923/2011) afirma ainda que os conflitos que ocorrem entre Eu e ideal são, em última instância, uma contraposição entre real e psíquico, mundo exterior e mundo interior.

Da pulsão ao Eu corporal

A partir do que foi visto no item anterior percebemos que o texto *Introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/2010a) marca um momento de virada importante na obra freudiana, onde a constituição do Eu passa a ser o ponto de partida das investigações clínicas. Estas novas proposições abrem caminho para uma reformulação na dinâmica do aparelho psíquico e para o amadurecimento das produções teóricas seguintes.

Até então a psicanálise centrava suas observações na presença poderosa da resistência e, por isso, na dualidade consciente versus inconsciente. A esta primeira fase denomina-se primeira tópica e, como visto anteriormente, ela descreve o aparelho psíquico em termo de inconsciente, pré-consciente e consciente.

No sentido dinâmico, introduzido pelo narcisismo, no entanto, essa ambiguidade deixa de ser tão relevante e considera-se que há apenas um inconsciente. A partir do texto *O Eu e o Id* (Freud, 1923/2011) o autor introduz o Eu, o Super-eu e o Id como novas instâncias do aparelho psíquico, enquanto consciente e inconsciente passam a designar modos de funcionamento dessas instâncias.

Seguindo este percurso, no mesmo texto, Freud (1923/2011) descreve que do ponto de vista funcional, a importância do Eu se expressa no fato de que normalmente a ele é dado o controle dos acessos à motilidade. Neste ponto ele repete uma imagem que será evocada diversas vezes na obra para ilustrar a relação entre Eu e Id, a do cavaleiro e seu cavalo. Freud explica que, assim como o cavaleiro que tenta frear e conduzir a força superior do cavalo, o Eu tenta estabelecer os caminhos da força do Id.

O autor segue ainda apontando o Eu como uma parte do Id modificada pela influência direta com o mundo externo. Neste cenário, a percepção tem para o Eu o mesmo papel que as pulsões têm para o Id.

Ainda sobre a gênese do Eu e sua diferenciação do Id, Freud salienta a relação com o corpo como um fator importante neste processo. O autor afirma que o corpo, e principalmente sua superfície, é o local de onde podem partir percepções internas e externas simultaneamente. Este corpo é tomado como um outro objeto, mas ao ser tocado ele produz dois tipos de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna. A superfície corporal de uma pessoa é responsável por originar sensações internas e externas e o tato possibilita ao corpo uma posição especial entre outros objetos no mundo perceptivo.

Freud destaca também o papel da dor no modo como adquirimos um novo conhecimento de nossos órgãos e que esse talvez seja um modelo para a forma como chegamos à ideia de nosso corpo. Sobre esta relação entre Eu e corpo Freud (1923/2011, p. 21) afirma que "o Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície."

Em uma importante nota de rodapé, Freud elucida um pouco mais este ponto. Ele afirma que em última instância o Eu deriva das sensações corporais, principalmente daquelas que têm origem na superfície do corpo. O Eu é visto como uma projeção mental da superfície do corpo, além de representar as superfícies do aparelho psíquico.

Através dessa elaboração, a instância do Eu nasce e se nutre de sensações corporais com o dentro do corpo e o fora que o atravessa.

O estágio do espelho

Até agora constituímos nosso entendimento sobre o corpo na psicanálise a partir dos textos freudianos. Vamos agora recorrer a um conceito de Lacan, que serve de base no entendimento da formação do sujeito: o estágio do espelho.

O esquema do estágio do espelho é tido como o primeiro pivô de sua intervenção na teoria psicanalítica, e podemos ver aí, além do narcisismo, as elaborações iniciais de Lacan no que concerne à questão problemática do Eu na teoria freudiana.

De modo geral, o estágio do espelho diz respeito ao desenvolvimento infantil compreendido entre os 6 e os 18 meses de vida. Nesse período a criança passa por um momento constitutivo de sua identidade, a partir da relação com o outro, seu semelhante.

O psicanalista Vladimir Safatle em seu livro *Lacan* (2007) aponta que o estágio do espelho demonstra que a formação do Eu depende de um processo ligado à constituição da imagem do próprio corpo. Nos primeiros meses de vida a criança não percebe seu corpo como uma unidade integrada, pelo contrário, ela percebe o seu corpo como sendo uma dispersão de todas as suas partes. Segundo o autor, essa dispersão corresponde à sensação de que haveria tantas parcialidades do corpo quantas funções fisiológicas existissem. Isso ocorre devido a prematuridade do bebê humano. Sua falta de maturação biológica coloca o lactente submerso em uma confusão de sensações desordenadas, difusas e indiferenciadas, que ele não sabe de onde procedem. Esta falta de percepção de unidade faz com que o bebê não consiga distinguir o que é interno e o que é externo, o que é individualidade e alteridade. Ele ainda não distingue o seu corpo do corpo de sua mãe.

Já Zimerman (1999) destaca a divisão do estágio do espelho em três partes. Num primeiro momento, ao se deparar com o espelho a criança começa a distinguir as formas nele como separadas entre si. Ela vê sua imagem e a reconhece como a forma completa de um ser. Esta fase é caracterizada por um estranhamento da própria imagem, a criança percebe o reflexo no espelho como um ser real, do qual ela tenta se aproximar ou se afastar. Entretanto a imagem ainda é tida como um outro, ela não se reconhece no espelho.

Em uma segunda fase, a criança percebe que o outro do espelho não é um ser real, que não passa de uma imagem e, por isso, ela não vai mais procurá-lo atrás do espelho.

O terceiro momento conclui o processo pois nele a criança consegue reconhecer seu próprio reflexo no espelho. Safatle (2007) destaca que ao reconhecer pela primeira vez sua imagem no espelho, a criança tem uma apreensão global e unificada do seu corpo. A imagem que aparece à sua frente se destaca do cenário como um todo completo e unificado que ela passa a reconhecer como sendo ela mesma. É a partir desta formação de uma imagem corporal de si que desenvolve também a noção de um Eu unificado e destacado do resto do mundo.

Safatle (2007) comenta ainda que quando a criança reconhece sua imagem no espelho pela primeira vez ela tem uma apreensão "global e unificada de seu corpo". Evidencia-se com isso que a unidade do corpo é primeiramente visual. Essa unidade de imagem aparece antes da criança obter uma coordenação orgânica e, por isso, induzirá seu desenvolvimento.

Segundo o autor, Lacan encontra provas desse traço indutor da imagem em relação ao comportamento em certas observações sobre a biologia animal, pois haveria uma correlação entre comportamento animal e comportamento humano no que diz respeito a relação à imagem. Ele então cita a pesquisa de biólogos que mostraram que, no reino animal, a simples presença de imagens acarreta modificações anatômicas e fisiológicas profundas. A esse respeito ele cita:

Por exemplo, Chauvin, em 1941, provou que a passagem do estágio solitário para o estágio gregário no gafanhoto migratório só poderia ser feita através da percepção da imagem de um gafanhoto adulto, que serve aqui como tipo: representante da espécie para o indivíduo, imagem que tem o valor de ideal. O que demonstraria como uma imagem pode regular o desenvolvimento dos indivíduos através de um processo de formação que é (con)formação à espécie. (Safatle, 2007, p. 28).

Safatle (2007) comenta que, no caso humano, a imagem ideal poderia induzir o desenvolvimento por ser modo de entrada em uma trama sociossimbólica. Dessa forma, a imagem, e portanto, o olhar, aparece como dispositivo fundamental de constituição do Eu. O Eu tem sua gênese na imagem do corpo.

Um fator crucial a ser levado em conta nesse processo é o olhar do Outro. Em seu livro *Meu corpo e suas imagens*, Nasio (2009, p. 162) afirma que "A relação da criança com sua imagem especular depende da presença do Outro.". O adulto que acompanha a criança e lhe aponta que aquela imagem é ela própria funciona como testemunha e operador nesse processo de identificação. É através da ação deste terceiro componente que a criança é capaz de se identificar na imagem especular, formando uma unidade corporal distinta e homogênea, apartada do resto dos objetos que o rodeiam. Portanto, é com os olhos do Outro que a criança aprende a se ver e a desejar.

Corpo e imagem na adolescência

Como visto, Freud (1905/1996b), determina que a entrada na adolescência implica em dois principais trabalhos para o sujeito: a entrada no campo do sexual através da união e subordinação das pulsões parciais sob o primado genital e a separação dos pais da infância.

Em *O romance familiar do neurótico*, Freud (1906/2015) nos mostra como o sujeito se liberta da autoridade dos pais. Ao se confrontar com outros adultos que lhe parecem superiores aos pais em diversos aspectos, a criança elabora fantasias onde substitui seus pais por esses adultos "mais aptos". O autor destaca que essas fantasias, no entanto, não são um descarte dos pais verdadeiros mas um retorno ao pai idealizado da primeira infância. Ela substitui o pai verdadeiro por uma imagem que evoca o pai idealizado de sua infância.

Nesse sentido, em seu texto *Os adolescentes estão sempre confrontados ao Minotauro*, Charles Melman aponta que com a entrada na adolescência, os pais saem dessa posição ideal ocupada na infância e passam a figurar para o sujeito como "inevitavelmente deficientes, não estando à altura, medíocres, em uma palavra: castrados" (1997, p. 33). Com essa queda de posição dos pais, o olhar do adolescente se fixará em posição ideal.

O autor salienta que era fácil para a criança conservar essa posição ideal pois sua participação na sexualidade se encontra "no registro do jogo, daquilo que não conta". A criança aceita essa renúncia pois entende que ainda não possui os instrumentos adequados, mas se apoia na promessa de que um dia terá. A adolescência marca este confronto com a realidade e, portanto, com a decepção causada pela constatação de que foi enganado. O sujeito se sente enganado pois percebe que não basta ter um instrumento adequado, não basta a maturação corporal, para ter acesso à sexualidade.

A partir deste momento, há um fosso, um hiato que se abre na posição ideal que até então lhe servia de suporte. Suporte à promessa que lhe foi feita, ou seja, de um acesso que ele poderia ter desse ideal quando crescer e a descoberta de que seus próprios pais estariam em ruptura com relação a esse mesmo ideal. (Melman, 1997, p. 35).

Em sua tese de doutorado Luciana Coutinho (2002) acrescenta que o lugar idealizado antes ocupado pelos pais da infância agora será tomado por outros objetos vindos da esfera social. Entretanto, ela reforça a ideia freudiana de que ao desprezar os pais e eleger outros objetos para sua fantasia, objetos estes que carregam traços que remetem aos primeiros, o adolescente na verdade os enaltece. Estes novos objetos retirados do social passam a ser, portanto, idealizados assim como os pais foram.

Junto a esse processo de separação da figura idealizada dos pais o adolescente se vê confrontado com mudanças corporais trazidas pela puberdade. Sobre isso, Calligaris (2000) aponta:

O adolescente se olha no espelho e se acha diferente. Constata facilmente que perdeu aquela graça infantil que, em nossa cultura, parece garantir o amor incondicional dos adultos, sua proteção e solicitude imediatas. Essa segurança perdida deveria ser compensada por um novo

olhar dos mesmos adultos, que reconhecesse a imagem púbere como sendo a figura de outro adulto, seu par iminente. Ora, esse olhar falha: o adolescente perde (ou, para crescer, renuncia) a segurança do amor que era garantido à criança" sem ganhar em troca outra forma de reconhecimento que lhe pareceria, nessa altura, devido. (Calligaris, 2000, p. 24).

Evidencia-se aqui o impacto das mudanças corporais na imagem que o adolescente tem de si. É novamente uma imagem que lhe parece estranha, ele não a reconhece diante do espelho, enquanto o olhar do Outro também falha nesse reconhecimento. Melman (2000) aponta também essa passagem na qual o corpo do adolescente teria se tornado um estranho. Isso se dá pois ele "não tem mais aquele suporte fálico que possuía quando criança" (Melman, 2000, p. 37), não tem mais o olhar dos pais que lhe asseguram seu lugar de criança amada.

Neste sentido Kosovski (2014) acrescenta que existem períodos na vida em que as identificações que sustentam a unidade atribuída ao Eu falham. Dentre eles a autora destaca as desestabilizações promovidas pela puberdade.

As mudanças corporais abruptas e a possibilidade do ato sexual, bem como a sexualidade que então se torna genital, interrogam frontalmente a unidade da imagem edificada sob a égide do falo imaginário e questionam a identificação do sujeito ao lugar marcado pelo falo, ponto sobre o qual ilusoriamente repousava o olhar do Outro. (Kosovski, 2014, p. 68).

Ainda de acordo com Kosovski (2014) ao longo do processo de desenvolvimento o bebê perde aos poucos a ilusão de estar localizado no centro do universo familiar, com o surgimento das mudanças trazidas pela puberdade esse deslocamento se torna evidente para o sujeito. Antes ele habitava um meio no qual a hierarquia do falo marcava o lugar de cada coisa. Esta passagem força um trabalho de luto não só da autoridade paterna, mas também da posição que o sujeito ocupava enquanto criança e que passa a ser insustentável.

No que diz respeito à oscilação da imagem nesse momento da constituição subjetiva, a autora aponta que, atualiza-se a perda de controle sobre o corpo próprio, que pode ser observado no nível dos fenômenos, na figura do adolescente estabonado que ainda não se apropriou de suas novas dimensões corporais.

Coutinho (2002) nos mostra que a partir dessa nova relação do sujeito com a própria imagem corporal e com o olhar do Outro podemos entender a adolescência como uma reedição do estádio do espelho.

O estádio do espelho é o momento - lógico, tanto quanto cronológico - em que o sujeito constitui num eu este objeto separado da mãe, dependente, defeituoso, representado por um corpo, fechado pela pele e capaz de um mínimo de autonomia. Momento, pois, de fechamento ilusório (mas decisivo) do sujeito num corpo e ao mesmo tempo de abertura para o mundo objetual e as dimensões do outro e do Outro. (Rassial, 1999, p. 45, como citado em Almeida & Fernandes, 2020, p. 7).

Pollyana Almeida e Andréa Fernandes (2020) em seu texto *O sujeito adolescente e o corpo:*

uma leitura psicanalítica apontam que isso seria o que acontece na infância: "um fechamento decisivo num corpo" (p. 7). No entanto, as autoras indicam que o estádio do espelho não garante unidade corporal do Eu, mas que constrói uma borda, um contorno, que ainda assim segue "poroso, borrado".

Sobre isto Kosovski (2014) acrescenta que, a despeito das fantasias de solidez e integridade, os contornos do Eu são maleáveis e suscetíveis a instabilidades. Apesar do Eu aparentar ter linhas de demarcação claras e nítidas em seu exterior, Freud adverte que essa aparência é enganadora dado que o Eu é continuado internamente pelo Id, instância inconsciente do aparelho psíquico, ao qual o Eu serve de fachada.

A estruturação da imagem do corpo, que já aconteceu, é agora posta à prova, uma vez que a puberdade fisiológica perturba essa imagem construída na infância. Ainda segundo Almeida e Fernandes (2020), a relação do ser humano com seu corpo é marcada pela estranheza e pelo mal-estar. Isto fica evidente em uma série de experiências clínicas citadas pelas autoras como

quando uma analisante chama de "despersonalização" se olhar no espelho e não se ver, gerando uma série de questões sobre sua identidade; ou quando alguém em franca tristeza que diz sobreviver apesar desse "corpão" de mulher que sente como fardo desde a puberdade. (Almeida & Fernandes, 2020, p. 7).

São diversos os exemplos que indicam que a relação do humano com seu corpo está longe de ser natural. O corpo adolescente não cresce apenas em tamanho e volume mas adquire agora características que o assemelham a um adulto e o afastam de sua imagem infantil até então conhecida. Sem identificar sua própria imagem no espelho e sem ser reconhecido pelos pais como criança ou como adulto, é preciso que o adolescente reinvente uma imagem de si nesse novo corpo.

Vemos aqui uma das funções estruturantes que a transformação da imagem corporal acarreta no sujeito adolescente. É através desse corpo que muda que seu desenvolvimento psíquico pode dar um passo adiante e lhe conceder entrada na vida sexual. É através dessas mudanças que o sujeito pode (e deve) achar um novo lugar para si no mundo.

Kosovski (2014) afirma ainda que a sexualidade que ressurgir após o período de latência interfere na imagem corporal de modo a fazer com que esta falhe em face ao estranho que habita o próprio corpo. A autora salienta que não se trata meramente de uma mudança no nível da biologia, mas das consequências psíquicas desta desestabilização da imagem de si "que se projeta como corpo" (Kosovski, 2014, p. 63). A criação de outro arranjo que possibilite uma nova estabilização, diferente daquela vivenciada na infância, "é, portanto, correlativa a uma mudança no laço social suportada pelo olhar do Outro." (Kosovski, 2014, p. 63).

Em seu livro *Adolescência em cartaz*, Mario e Diana Corso (2017) evidenciam a relação entre esta reedição do estádio do espelho e o fenômeno das *selfies* adolescentes. Os autores afirmam que "A fotografia, sob a forma do autorretrato vulgarizado como *selfie*³, elevou os espelhos à máxima

potência" (Corso & Corso, 2017, p. 191). Durante a adolescência o sujeito está fabricando uma imagem de si, que irá carregar ao longo da vida. Entretanto, a validade dessa imagem depende da suposição de olhares interessados. Disto se apreende a relevância das redes sociais neste contexto, pois permitem o compartilhamento da própria imagem. Não bastam o espelho ou foto revelada que permanecia no álbum de fotografia, é preciso o olhar do outro que valida esta imagem através de seus likes nas redes sociais.

Neste sentido, as *selfies* também propiciam uma possibilidade de modificação da própria imagem que é inédita. Os autores afirmam que ao olhar-se no espelho o adolescente só terá olhos para "as espinhas, a barba rala e irregular, a oleosidade da pele, a imperfeição do nariz e o desalinho dos cabelos", ou seja, tudo aquilo que o distancia da almejada imagem ideal. As *selfies*, com seus filtros⁴ e correções, permitem uma manipulação da própria imagem que ultrapassa os limites do corpo físico, lançando esse ideal cada vez mais longe.

Desta maneira, podemos pensar como a presença das redes sociais neste período da adolescência pode aprofundar as questões já pertinentes a esta etapa da vida.

Considerações finais

Neste trabalho buscamos entender quais as relações entre adolescência e corpo. Partindo da obra freudiana refletiu-se sobre as principais transformações psíquicas acarretadas pelas mudanças corporais trazidas pela puberdade, quais sejam: a cooperação das pulsões parciais numa nova meta sexual e o desprendimento da autoridade dos pais.

Em seguida retornamos à questão do corpo e seus desdobramentos na psicanálise. Podemos entender o corpo que vai além dos limites do fisiológico na histeria, o corpo como repositório das pulsões que dá origem ao Eu, e a imagem corporal que vista no espelho opera no sujeito compondo a unidade do Eu.

Partindo dessa base foi possível então apreender as articulações entre estes dois conceitos: adolescência e corpo. Uma articulação possível se dá no campo da imagem já que o adolescente não se reconhece ainda como adulto ao se olhar no espelho, mas já não tem mais os traços infantis. Nesse sentido podemos entender a adolescência como um momento de reedição do estágio do espelho onde a unidade do Eu vinculada a imagem corporal se desestabiliza e precisa se reinventar em uma nova posição frente ao Outro.

Sendo assim, deixamos aqui um conjunto de questões a ser perseguido para a discussão sobre o impacto da excessiva virtualização de nossas imagens em tela para esses sujeitos que se encontram em um momento frágil, pois de reconstrução, de sua unidade corporal, de seu Eu. Se, como vimos, é através do corpo que o sujeito adolescente pode dar um passo adiante em sua entrada na vida sexual e, conseqüentemente, ocupar um novo lugar no mundo, que conseqüências o contemporâneo e seu esvaziamento do encontro presencial com outros coloca para a constituição da imagem na adolescência e sua subjetividade. Se por um lado não cabe à psicanálise a defesa de uma normatização e de um

saudosismo, cabe também não ignorar novas formas de subjetividade e de adoecimento e sofrimento psíquico que se fazem cada vez mais presentes na clínica.

Notas:

1. Este artigo é baseado no trabalho de conclusão de curso de psicologia intitulado *Para que serve um corpo? a relação entre corpo e adolescência sob a ótica psicanalítica*, pela Universidade Federal Fluminense em dezembro de 2023, sob a orientação da Profa. Dra. Renata Alves de Paula Monteiro.
2. A tradução das obras freudianas da editora Companhia das Letras utiliza o termo instinto no lugar de pulsão, mas se refere ao mesmo conceito.
3. Fotografia que uma pessoa tira de si mesma.
4. Funções disponíveis em celulares ou aplicativos que alteram características das fotos, podendo alterar traços da fisionomia.

Referências Bibliográficas

- Almeida, P., & Fernandes, A. (2020). O sujeito adolescente e o corpo: uma leitura psicanalítica. *Revista subjetividades*, 20(2), 1-12. doi: [10.5020/23590777.rs.v20iesp2.e9311](https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iesp2.e9311).
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Corso, D., & Corso, M. (2017). *Adolescência em cartaz*. Porto Alegre: Artmed.
- Coutinho, L. (2002). *Ilusão e errância: adolescência e laço social contemporâneo na interface entre a psicanálise e as ciências sociais*. (Tese de doutorado). PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Freud, S. (1996a). Estudos sobre a histeria. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. II). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893).
- Freud, S. (1996b). Três ensaios sobre sexualidade. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VII, pp. 118-231). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2010a). *Introdução ao Narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010b). *O mal estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2011). *O Eu e o Id, "Autobiografia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2015). *O delírio e os sonhos na gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1906).

- Kosovski, G. (2014). Construção da imagem de si, desestabilização e adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66 (1), 61-71. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000100006&lng=pt&tlng=pt.
- Lindenmeyer, C. (2012). Qual é o estatuto do corpo na psicanálise? *Tempo psicanalítico*, 44(2), 341-359. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Melman, C. (1997). *Adolescência: entre o passado e o futuro*. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
- Melman, C. (2000). *Adolescente e a Modernidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Nasio, J-D. (2009). *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Safatle, V. (2007). *Lacan*. São Paulo: Publifolha.
- Zimerman, D. (2007). *Fundamentos psicanalíticos*. Porto Alegre: Artmed.

Citação/Citation: Campos, M. H. S., & Monteiro, R. A. de P. (nov. 2023 a abr. 2024). Adolescência e corpo: um recorte psicanalítico. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 19(37), 132-152. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2024v19n37p132-152.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 11/09/2023 / 09/11/2023.

Aceito/ Accepted: 08/03/2024 / 03/08/2024.

Copyright: © 2024. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.